

DIMENSÃO VIVENCIAL DAS MULHERES QUE VIVERAM NO GARIMPO BOM FUTURO (1987–1991)

Ana Cláudia Muler¹

José Joaci Barbosa²

Zairo Carlos da Silva Pinheiro³

RESUMO: O presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada com mulheres que viveram no garimpo Bom Futuro, localizado no município de Ariquemes, entre os anos de 1987 a 1991, e tem por objetivo analisar a experiência de vida das colaboradoras dentro do universo garimpeiro. Para atender ao objetivo proposto nos valem da História Oral conceituada por José Carlos Sebe B. Meihy. Por meio das narrativas cientificamente construídas foi possível romper com as representações tradicionais que classificam o garimpo como um ambiente povoado apenas por garimpeiros e prostitutas.

Palavras-chave: Garimpo; Mulher; Narrativa; História Oral; Trabalho.

ABSTRACT: The present work is the result of a research carried out with women who lived in Bom Futuro mining site, located in municipality of Ariquemes, between 1987 and 1991, and has the objective of analyzing the life experience of the female collaborators within the miner's universe. In order to attend the proposed objective, was used Oral History conceptualized by José Carlos Sebe B. Meihy. Through the scientifically constructed narratives it was possible to break with the traditional representations that classify the mining site as an environment populated only by miners and prostitutes.

Key words: Mining Site; Woman; Narrative; Oral History; Task.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O garimpo brasileiro, desde o seu surgimento durante o período colonial no século XVIII, está atrelado à atividade clandestina, devido ao fato de ter se originado da exploração ilícita de ouro e diamante. No entanto, quando a Coroa Portuguesa buscava encontrar novas regiões auríferas utilizavam da mobilidade dos garimpeiros para localizar novas jazidas. Mesmo depois de dois séculos a relação dos garimpeiros com o Estado não sofrerá grandes transformações.

Nos anos 70, quando o governo inicia grandes projetos de mineração na Amazônia, empresas privadas e públicas disputarão espaço com os garimpos. Rondônia, que possuía 70% das reservas brasileiras de cassiterita, decide por proibir os garimpos manuais e conceder a exploração a grupos econômicos de acordo com a Portaria nº 195, MME.

Todavia, os garimpos clandestinos vão permanecer explorando de forma manual áreas proibidas, e são nessas circunstâncias que surge o garimpo Bom Futuro, em 1987, mobilizando um grande contingente de trabalhadores. No ano seguinte o Departamento Nacional de Pesquisa Mineral concede a liberação da garimpagem manual. Em menos de um ano de funcionamento o garimpo já havia recebido milhares de pessoas, entre elas crianças, mulheres e homens.

Mediante a informação de que o garimpo BF contava com a presença feminina, surgiu o interesse em aprofundar algumas questões que diz respeito à experiência de vida das mulheres nesta região, para isso fizemos uso da metodologia da história oral como forma de conhecer os sujeitos a partir de suas narrativas.

Optamos em pesquisar as mulheres que tiveram experiência de trabalho no garimpo BF, visto que nos possibilitaria dialogar com um campo interdisciplinar. A pesquisa sobre essas mulheres

1 Graduada do curso de História da Universidade Federal de Rondônia- UNIR, Campus de Rolim de Moura, VIII período, e-mail: anaclaudiamuler@hotmail.com

2 Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia UNIR, professor do curso de História na Universidade Federal de Rondônia- UNIR, Campus Rolim de Moura, e-mail: joacib@unir.br

3 Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Paraná UFPR, professor do curso de História na Universidade Federal de Rondônia- UNIR, Campus Rolim de Moura, e-mail: zairo.carlos@unir.br

nos fez repensar a necessidade de novas formas de abordagem sobre a formação de um garimpo, como metodologia fizemos uso da História Oral de vida, desenvolvida por José Carlos Sebe Bom Meihy.

Mas por que estudar as Mulheres que viveram no Garimpo Bom Futuro? Durante o curso algo que foi muito marcante para a nossa formação acadêmica é a consciência da existência de estereótipos enraizados em nossa sociedade. Eles silenciam os sujeitos e os colocam à margem da história, desconstruir estereótipos não é tarefa simples, nosso propósito se concentra em estudar a experiência de vida das colaboradoras no universo garimpeiro, mais especificamente o garimpo BF.

Era preciso estabelecer uma relação afável entre colaborador e o entrevistador. Essa relação que fará o colaborador se comprometer de maneira mais recíproca com o trabalho, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa. Elas precisam estar à vontade para compartilhar em detalhes suas experiências de vida. O primeiro contato com todas as colaboradoras havia sido feito com êxito.

Esta pesquisa foi realizada com três mulheres que viveram no garimpo BF, localizado no município de Ariquemes, terceira maior cidade do estado de Rondônia, fundada em 21 de novembro de 1977, por meio da lei nº 6.448. Antes de se tornar cidade foi elevada a distrito de Porto Velho no ano de 1943, durante o governo de Getúlio Vargas.

A propagação da notícia de cassiterita em grande proporção em Ariquemes só se intensifica em meados dos anos 80, fazendo com que estas mulheres já casadas se desloquem para o garimpo, acompanhando seus parceiros, garimpeiros de primeira viagem, quase sem nenhuma experiência, movidos pelo sonho de enriquecer rapidamente.

Passado o período do auge do garimpo, as colaboradoras da pesquisa vão aos poucos retornando à Nova Brasilândia D'Oeste, agora já elevada a categoria de município pela Lei Estadual n.º 157, de 19/06/1988, onde residem atualmente.

PERCURSO METODOLÓGICO

Por considerar a investigação sob o viés de sujeitos narradores, a alternativa mais aplicável são os encaminhamentos metodológicos a partir da moderna História Oral (HO), embasada na perspectiva do historiador oralista José Carlos Sebe Bom Meihy (1996).

Uma vez que o uso dessa metodologia nos possibilita dar diretriz às fontes narrativas também enquanto saberes sociais como é o caso das mulheres que viveram no garimpo BF, a narrativa delas nos possibilita compreender os sujeitos silenciados, como menciona Meihy:

Por meio da história oral, por exemplo, movimentos de minorias culturais e discriminadas, principalmente de mulheres, índios, homossexuais, negros, desempregados, além de migrantes, imigrantes, exilados, tem encontrado espaço para abrigar suas palavras dando sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias (MEIHY, 1996, p.9).

Esse diálogo direto com a fonte, por meio das narrativas que a HO possibilita nos dá elementos para questionar a história oficial que considera válida apenas as interpretações historiográficas com base em documentos oficiais escritos. Atualmente esse paradigma já foi superado, em virtude de um consenso de que o nosso estudo também contribui para a reflexão acerca da função do conhecimento histórico, contudo, não estamos aqui para discutir sua cientificidade e sim reconhecer a sua importância na leitura da sociedade.

Levando em consideração que é no projeto que definimos os procedimentos empregados na pesquisa, o presente estudo decidiu por três entrevistadas, sendo elas: Janice, Ivone e Salete. Para

que tivéssemos tempo suficiente de refletir sobre suas narrativas, o segundo passo que antecedeu a entrevista foi a elaboração de um roteiro com algumas perguntas que pudessem servir como guia, no entanto, procuramos usar perguntas amplas para não obstruir a espontaneidade do colaborador.

Todo projeto que se utiliza da HO precisa conceituar qual temática ele empregou, para dar sustentação à pesquisa, dessa forma optamos em trabalhar com a história oral de vida uma vez que trata-se da narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa (MEIHY, 1996, p. 19).

Escolhemos esse tipo de história oral por ela considerar o depoente como sujeito primordial. As mulheres que viveram no garimpo Bom Futuro, entre os anos de 1987 e 1991, se apresentam como nossas colaboradoras primordiais para a realização da pesquisa, possuindo liberdade de discorrer o mais livremente possível sobre sua experiência pessoal no garimpo. A história oral tem a preocupação em dar sentido social à pesquisa, compreende-se para transformar.

O DESENROLAR DO GARIMPO NO BRASIL: MULHERES QUE NÃO FOGEM À LUTA

Colocado na clandestinidade, o garimpo durante muito tempo foi cercado por estereótipos devido ao fato de ter se originado da exploração ilícita de diamante e ouro no Brasil Colonial. A descoberta de jazidas auríferas no interior da colônia portuguesa durante o século XVIII e XIX fez com que a coroa despertasse o interesse em controlar a exploração do minério, como Santos explica:

Garimpos e garimpeiros surgem para a historiografia com esta denominação a partir de 1801, apesar desse grupo social ter suas origens em 1731 no então Distrito Diamantino. É de março deste ano o decreto real que declara como monopólio da Coroa Portuguesa toda a atividade extrativa de diamantes e ouro no Distrito Diamantino, o que faz com que quase toda a população dessa região seja expulsa das lavras ali instaladas e comece a minerar clandestinamente, desenvolvendo estratégias de mineração nas serras e vivendo em acampamentos temporários (SANTOS, 2001, p. 28).

A busca pelo monopólio da região onde se localizava o minério culminou, como o autor explica, no desalojamento dos indivíduos que ali viviam. Deixados à margem, só restou a eles buscarem caminhos ocultos para sobreviver a Coroa, no entanto, tratou logo de suprimir os grupos que estavam vivendo em garimpos temporários, contratando Dragões⁴ para patrulhar e desarticular acampamentos clandestinos que estivessem explorando as lavras ilegalmente sem a permissão da Coroa Portuguesa ou da intendência.

Além da perseguição aos garimpeiros, as vendedeiras, também conhecidas como quitandeiras (vendedoras ambulantes), serão perseguidas pelos Dragões. Essas mulheres, grande maioria negras, escravas ou alforriadas vão ser denunciadas por contrabando e prostituição. É importante compreender que, desde o início da descoberta de minério no Brasil, a presença feminina vai ser condenada nos garimpos.

As mulheres serão responsáveis por diversas funções no garimpo: além de quitandeiras, prostitutas ou garimpeiras elas também vão ajudar nos confrontos entre a patrulha e os garimpeiros, infiltrados entre os homens elas participaram ativamente. No entanto, não há muitos relatos sobre a presença delas nesses conflitos, devido o fato delas usarem roupas masculinas para se disfarçar.

Por mais que houvesse diversas restrições que proibissem o contrabando e a mineração ilegal, havia também alguns momentos de afrouxamento dessas leis. Os intendentes, quando se deparavam com um garimpo, preferiam não prender o bando, usando os garimpeiros para detectar regiões auríferas, isso facilitaria a descoberta de novas lavras.

⁴ Força militar formada por Indivíduos a cavalo responsável por combater acampamentos temporários.

No que tange as mulheres e sua relevância no garimpo, é importante ressaltar que, em meados do século XIX, após o monopólio Real sobre extração de minério, algumas lavras serão arrendadas por mulheres, como cita Santos:

Em 1853, depois de extinta a Extração Real e abolida a proibição do garimpo, os “mineiros” ou garimpeiros ocuparam os terrenos diamantinos. A primeira lavra foi arrendada por Inês Perpétua de Araújo e Maria Aureliana de Meireles Magalhães. Ao todo, 24 mulheres possuíam concessão de “Datas” e terrenos diamantíferos (SANTOS, 2001, p. 35).

A citação revela a existência feminina no comando e na extração do garimpo, já demonstrando que a “exclusão” irrestrita de mulheres não é lá bem verdade, desconstruindo o discurso historiográfico que silencia a participação feminina nas atividades garimpeiras no Brasil, isso demonstra que pouco se conhece sobre a participação delas no garimpo.

Além de silenciarem a participação das mulheres no garimpo, muitos estudiosos vão de certa forma construir um olhar distorcido sobre a atuação feminina. Lévi-Strauss, em seus relatos de viagem, afirma que no garimpo havia apenas prostitutas camponesas, visão essa que se enraizou na nossa sociedade. É devido a esse olhar distorcido que o estudo sobre as mulheres no garimpo se faz tão pertinente nos dias atuais.

Atualmente o garimpo não está mais no campo da clandestinidade, isso varia de acordo com os interesses do estado, que em alguns momentos proíbe os garimpos em determinadas localidades e em outras legitima a sua atuação, devido ao seu potencial de apaziguar conflitos sociais e proporcionar emprego temporário, como relata Becker:

[...] do ponto de vista da empresa e do Estado os garimpeiros têm, pois, exercido importante papel de rastreador de minérios, e o garimpo, o de válvula de escape à tensão social, como emprego alternativo à população móvel. (BECKER, 1990, p.77).

O garimpo independente de ser clandestino ou legal o que vai defini-lo é o local de garimpar “o garimpo continua a ser relacionado com o local onde acontece o trabalho da garimpagem.” (SANTOS, 2001, p. 27).

COLONIZAÇÃO DE RONDÔNIA E A IMPORTÂNCIA DA CASSITERITA NESSE PROCESSO

Rondônia é um estado brasileiro localizado na região Norte do país pertencente à Amazônia, engana-se quem pensa que o interesse por esse território se deu no séc. XIX e XX. A curiosidade e a cobiça em explorar parte da Amazônia remontam vários séculos, os colonizadores almejavam encontrar riquezas minerais inspirados pelo imaginário do *El Dorado*, e valendo-se disso os portugueses vão incorporar parte do território que pertencia ao reino espanhol, como nos mostra Maria Madalena Ferreira:

Desde a incorporação como terras portuguesas, ainda no século XVI, quando Bandeirantes, via Vale do Guaporé, procedentes da Província de São Paulo, e os Jesuítas, procedentes da Província de Grão Pará do Forte de Belém, ultrapassam a Linha de Tordesilhas, a motivação de tal conquista além da garantia de parte do reino espanhol, teria sido as essências florestais e as pedras preciosas e os recursos potenciais (FERREIRA, 1996, p.17).

A história “sobre a Amazônia, cuja ocupação se fez, como se sabe, em surtos ligados a demandas externas seguidos de grandes períodos de estagnação e de decadência” (BECKER, 2005, p.71).

De acordo com Becker, a primeira fase de planejamento regional, que vai de 30 a 60, não haverá grandes mudanças no Centro-Oeste brasileiro as medidas trouxeram poucas alterações efe-

tivas. Entretanto, um acontecimento significativo vai ocorrer nesse período: com a descoberta da cassiterita em Rondônia, o intuito do governo de Vargas era utilizar esse minério para acolitar as demandas internas.

A descoberta desse mineral em território rondoniense só foi possível devido às orientações dos geógrafos belgas e hindus aos ex-seringueiros, isso favoreceu o reconhecimento do metal. Após o surgimento das jazidas minerais o governo tratou logo de tomar providências para facilitar o escoamento do minério para o leste do país, onde estavam localizadas as siderúrgicas. Em fevereiro de 1960 o então presidente Juscelino Kubitschek determina a construção da BR 364, conectando Cuiabá a Porto Velho. Para Becker esse vai ser um relevante momento para a expansão das empresas estatais brasileiras:

Nesse contexto, a exploração de recurso na Amazônia assume importância vital para o Estado, que, favorecendo a implantação de grandes projetos na região, assegura também a expansão de empresas estatais e a sua transnacionalização (BECKER, 1992, p.62)

Com a descoberta da cassiterita haverá também por parte do estado e das grandes empresas o desejo de implantar a extração mecanizada, isso evitaria o contrabando de minérios e o mau uso da terra. Em 1971 a Portaria nº195 que proíbe os garimpos, levará mais de 3 mil pessoas a perderem o seu sustento em Rondônia.

Em 1987 surge o garimpo Bom Futuro, formado por trabalhadores vindo da zona rural do próprio estado, garimpeiros tradicionais, empresários, comerciantes e madeireiros que não conseguiram se constituírem na atividade madeireira e no campo.

FORMAÇÃO DO GARIMPO BOM FUTURO: PERSPECTIVA FEMININA

A história de vida das colaboradoras indica que a primeira experiência em garimpo de todas elas ocorreu em BF: **“foi o primeiro garimpo que eu fui, o meu marido esteve em outro aqui em Nova Brasilândia na linha 09... isso antes de ir para o Bom futuro”**. (Janice– 7). A forma como elas ficaram sabendo também foi a mesma, por intermédio de parentes ou conhecidos, como explica Salete :

Primeiro o seu Ervindo Ceccon foi pra lá e ele era vizinho do Nelson, o meu irmão mais velho, aí o Nelson foi junto com ele e nos disse que era bom e depois nós fomos... quem levou a minha família foi eu... a Silmara era novinha tinha três anos... nós éramos em três eu a Silmara e meu marido quando fomos... lá nós vivemos três anos... foi o primeiro garimpo que eu fui... (Salete– 3).

Essa é uma característica muito comum dos garimpos, as pessoas que vão primeiro ajudam a divulgar a existência do mesmo, contribuindo para um rápido povoamento, como aconteceu em BF no pouco tempo de sua existência. “Bom Futuro chegou a atingir 15 000 pessoas entre trabalhadores braçais e moradores das currutelas.” (FERREIRA, 1996, p.40). Muitos garimpeiros de primeira viagem, como é o caso das famílias de nossas colaboradoras, foram sem nenhuma experiência em garimpo.

Muitos dos trabalhadores que se deslocavam para o garimpo trabalhavam como madeireiro. Em sua dissertação, Ferreira discute sobre esse assunto, ressaltando que a leva de trabalhadores que se moveram para o garimpo eram madeireiros e em certa medida eram capitalizados.

Devido ao fato de não terem nenhuma experiência em Garimpo, esses garimpeiros iniciantes vão acelerar o processo de desmatamento e escavação no garimpo.

A descoberta de cassiterita em Ariquemes, em 1987, fará com que uma leva de garimpeiros e colonos se desloque para lá. Entretanto, isso não ocorre apenas com o garimpo, outro fator, como os resultados negativos dos projetos de colonização contribuirá para uma leva expressiva de indivíduos para o garimpo.

A chegada até o garimpo não era tarefa fácil, todas as colaboradoras foram enfáticas ao relatar a dureza para se chegar até lá, visto que a estrada não era totalmente pavimentada e Rondônia ser um estado chuvoso, o caminho até o garimpo se tornava árduo. A fala das colaboradoras é muito semelhante. Dona Ivone explica o quanto sofreu as primeiras vezes em que foi para o garimpo:

A gente lotava táxi ou perua, era nome dado aquelas Kombi... ia cheio de gente as vezes pegava fogo no meio do caminho e a estrada era péssima as vezes não chegava no dia... porque quebrava muito! devido o atoleiro... as primeiras vezes que eu fui tinha que passar até pelo meio do mato... mas depois foi melhorando eles colocavam máquina e iam arrumando as primeiras vezes que eu fui foi horrível eu não cheguei no mesmo dia dormimos na estrada em barraquinha no meio do mato... era estrada de chão esburacada e naquela época chovia muito formava aqueles cordões de carro um puxando o outro... os tratores atolados... não era fácil... (Ivone – 10)

Como podemos observar, para se chegar até o garimpo as pessoas tinham que lidar com as dificuldades do caminho, isso nos revela uma falta de infraestrutura para atender a demanda do transporte rodoviário, apesar da relevância econômica que o garimpo possuía para Rondônia e o país.

Ao chegar ao garimpo, as colaboradoras encontravam um ambiente totalmente diferente do que elas estavam habituadas, tendo de se adaptar a uma nova conjuntura. Em seus relatos algo que ficou muito marcante foi quando descreveram suas moradias, não conseguindo associar o “barraco de lona” em que elas moravam a uma residência, como cita Dona Janice:

Não tínhamos casa, era barraco... eles amarravam as lonas nas árvores e nós morávamos embaixo, quando era família com mulher marido e crianças a gente repartia os cômodos com plástico... fazia um puxadinho e repartia com plástico... o banheiro era assim também... fazia um buraco e ao redor e colocava plástico... para lavar roupa meu marido encanou a água... a mangueira vinha até o nosso barraco eles cortaram um tambor grande de armazenar óleo e pregaram uma tábua de madeira ali eu enchia aquele tambor de água e levava roupa ali mesmo normalmente... tinha algumas bacias fizemos varal para estender a roupa e vivíamos assim como se fosse em uma casa... mas não era uma casa... (Janice– 16).

O trabalho no garimpo começava cedo, era preciso aproveitar todo o tempo disponível para extrair a maior quantidade de cassiterita, a rotina tornava-se desgastante, principalmente quando encontravam algum filão. A busca em extrair o minério com agilidade também era motivada pelo medo de ser roubado ou ter o seu barranco invadido.

A inexistência de ações institucionais de segurança e educação agravavam as disputas por espaço no garimpo, os conflitos muitas vezes ocorriam entre os garimpeiros manuais, mas havia também conflitos entre os garimpeiros e as empresas de mineração. Para Leticia Tedesco, esses conflitos devem-se ao isolamento geográfico do garimpo, como podemos observar:

A alusão a uma “lei do garimpo” talvez seja uma resposta às representações comuns sobre o garimpo no qual este seria uma “terra sem lei”. Se considera-se a lei formal, certamente o garimpo, especialmente o garimpo manual (que é geralmente uma primeira fase de qualquer garimpo que se mantenha no tempo) ou o garimpo semi-mecanizado de pequeno e médio porte, está em muitos aspectos distante da lei formal. Esta distância em relação à lei formal é comumente justificada pelo relativo isolamento geográfico do garimpo, que se traduziria em um isolamento social, posto que há ausência ou insufici-

ência da presença do Estado e de políticas públicas em muitos garimpos. (TEDESCO, 2015, p.136).

Os conflitos e mortes que ocorriam no garimpo eram sempre silenciados, não havia a aspiração em alterar o pacto de garimpo. Tudo o que acontecia dentro de um garimpo devia ser mantido em sigilo, como afirma Dona Ivone:

Um dia de manhã meu cunhado me chamou... ele disse: ‘-você quer ver uma coisa?’ quando aproximamos perto de uma tora caída tinha um corpo... haviam colocado fogo... mas deu para perceber que era uma mulher porque as mãos não estavam queimadas e ela estava de esmalte vermelho... sandália salto alto... e o resto do corpo todo queimado... não soubemos quem era porque ninguém se envolvia... se tinha um corpo as pessoas passavam por cima e ali ficava... ninguém falava nada ninguém viu nada... quando a polícia ficava sabendo aí vinha, juntava o corpo e levava... ou passava um trator e só jogava terra por cima... (Ivone – 23).

Atear fogo nos indivíduos é uma prática comum em garimpo, pois ela compromete a identificação do cadáver, desse modo as pessoas são enterradas como indigentes e as investigações nunca saiam do papel, como relata Dona Salete “[...] era a coisa mais normal alguém morrer a polícia nunca me interrogou nem me chamaram como testemunha eles fingiam não ver nada [...]” (Salete – 7).

Além das desavenças, outro motivo que ocasionava a morte dos indivíduos que habitavam o garimpo são os desmoronamentos causados por negligências. As máquinas responsáveis por cavar e revirar a terra dividia espaço com os garimpeiros manuais que ficavam na espreita, em busca das sobras deixadas pelas máquinas. Devido a proximidade que eles ficavam das máquinas, acabavam sendo atingidos por desmoronamentos ou até mesmo pela máquina.

No que se refere à saúde da população que habitava o garimpo o principal agravante citado pelas colaboradoras foi o adoecimento proveniente da malária, uma doença infecciosa transmitida por mosquito típica de regiões tropicais. A falta de prevenção e saneamento básico no garimpo contribuía para a proliferação da malária e de doenças infecto contagiosas como o HIV. Essas enfermidades tornavam-se uma ameaça para os trabalhadores, visto que muitos trabalhavam na informalidade sem nenhuma assistência e direitos trabalhistas.

Notamos que não havia desenvolvimento de nenhuma atividade agrícola, o trabalho era voltado principalmente para a extração de cassiterita, não havia tempo nem áreas disponíveis para cultivar. No entanto, o comércio no garimpo garantia o abastecimento de bens de necessidade básica. O garimpo recebia todo tipo de mercadoria, garantindo a sobrevivência da população garimpeira, não havendo a necessidade de se deslocar para outras localidades.

O desenvolvimento do comércio dentro do garimpo será responsável pelo surgimento das currutelas⁵, esse espaço estará sempre atrelado ao comércio e a prostituição. Vai crescendo de acordo com o aumento da extração mineral, constituindo-se dentro do garimpo, mas afastado da produção como eram chamados os locais onde se realizava a extração da cassiterita devido à mobilidade que exigia esses locais.

Dentro do garimpo BF havia várias currutelas, algumas eram destinadas apenas a prostituição, outras contavam com uma multiplicidade de estabelecimentos comerciais, como será o caso de uma das mais importantes currutelas de BF, a Ponte Alta. Segundo Ivone, o nome desta currutela está relacionado às escavações:

Lá tinha um lugar chamado de Ponte Alta... eles construíram uma ponte alta sob um rio... mas as pessoas não passavam por ela porque ficou muito alta e foram cavando ao redor e

5 Conjunto de barracos, onde estão concentradas as atividades comerciais.

ela ficou perigosa... lá tinha mercados... restaurantes... farmácia... foi montando uma vila e lá era o centro as pessoas quando precisavam iam lá porque tinha de tudo... mas as coisas eram caríssimas (Ivone – 20).

A grande variedade de mercadoria e serviços oferecidos na currutela era superior a muitas cidades do interior do estado durante aquele período, como afirma Ivone: “[...]dentro do garimpo tinha mais coisas do que em muitos municípios de Rondônia[...]”. (Ivone -19) Isso devido ao grande fluxo de dinheiro, já que as pessoas vendiam ali mesmo a sua produção.

Além das currutelas, os vendedores ambulantes contribuíram para intensificar o comércio dentro do garimpo, trabalhadores não careciam ir até a currutela para comprar qualquer produto. “Os vendedores passavam na frente dos barracos vendendo as coisas tinha muitos ambulantes...” (Salette- 21). O pagamento variava, a moeda de troca podia ser em dinheiro ou também em cassiterita.

Sobre o lazer no garimpo, notamos que para nossas colaboradoras, que eram mulheres casadas, não existia muitas opções, o tempo disponível era utilizado para o trabalho e afazeres domésticos, sair durante a noite era sempre um perigo por conta dos conflitos: “[...] a gente não saía era aqueles tiroteios constantes [...]” (Ivone – 22). Além do medo causado pelos desentendimentos e disputas por áreas, o receio de sair da moradia à noite vai mais além, já que indiretamente as mulheres no garimpo terão sua liberdade cerceada, como podemos observar na narrativa da Janice. “Eu nunca participei de festas no garimpo... devia ter na currutela... mas lá era meio perigoso da mulher participar” (Janice– 12). Para o homem, a prática de sair à noite para encontrar amigos e se divertir em festas é muito comum em um garimpo. É lá que ele busca refúgio para as jornadas de trabalho exaustivas. No entanto, para as mulheres que não trabalhavam como prostitutas na currutela isso era atípico, e demonstra um desequilíbrio na relação de gênero dentro do garimpo.

Os raros momentos de descontração em que toda a população do garimpo participava independente de gênero ou idade ocorriam quando se realizavam shows de cantoras com renome nacional.

O fato de uma cantora ou cantor realizar um show no garimpo era muito comum nos anos 80. Muitos políticos regionais, empresários e até mesmo garimpeiros com capital disponível contratavam cantores prestigiados para fazerem apresentações no garimpo. Essas apresentações conseguiam reunir um grande número de pessoas que viviam no garimpo, como mostra a fotografia: crianças, homens e mulheres iam prestigiar, e serviam para apaziguar descontentamentos em relação à vida árdua no garimpo.

Distanciando-se das atividades de lazer e adentrando na atividade produtiva dentro do garimpo nos deparamos teoricamente com um ambiente culturalmente masculinizado cercado por estereótipos. Entretanto, a análise do garimpo BF surge para romper esse olhar estigmatizante, desconstruindo o pensamento de que no garimpo o trabalho feminino muitas das vezes é restringido à prostituição.

De acordo com nossa colaboradora Ivone, “as mulheres trabalhavam ativamente... quem ia com as famílias levavam até as crianças...” (Ivone – 34). Diferente de muitos garimpos, o BF tinha uma organização social diferenciada, em que a existência de muitas famílias revela uma mão-de-obra disponível não apenas masculina, mulheres e crianças também vão exercer diversas funções, como afirma Ivone:

[...] Muitas trabalhavam lavando roupa... porque era longe para buscar água em uma mina e as vezes estava lotado e tinha que esperar umas 3 ou 4 horas na fila... tinha algumas que

faziam comida para garimpeiros outras faziam marmita e saía vendendo e outras fazendo réco (Ivone –35).

As diversas tarefas realizadas pelas mulheres que habitaram o garimpo BF são evidentes nas narrativas de nossas colaboradoras. Salete, por exemplo, atuava como cozinheira. “[...] Eu trabalhava de cozinheira para uma firma... era de um pessoal de Rolim de Moura eu trabalhei muito tempo de cozinheira para eles[...].” (Salete – 6). Essa atividade é recorrente no garimpo, muitas empresas contratam cozinheiras como forma de aumentar a produtividade, a grande maioria das cozinheiras no garimpo acabam exercendo outras funções para complementar a renda. “Eu era cozinheira trabalhava para uma firma fazendo comida para os funcionários e nas horas de folga eu ia garimpar com a bateia [...]” (Salete – 12).

A cozinheira exerce uma função importante no garimpo, em torno da sua figura deposita-se confiança, como afirma Letícia da Cruz Tedesco:

Mas além de obrigatoriamente cozinhar e opcionalmente prestar serviço ou favor sexual, a cozinheira é responsável por tudo o que se encontra no barraco, ou seja, ela é a ‘guardiã de todos os bens e valores dos peões que aí se encontram’(TEDESCO, 2015, p.240)

A cozinha era sua ocupação principal, mas durante o intervalo em que não estava cozinhando ela se dedicava em fazer reco⁶ como a mesma mencionou anteriormente. Essa atividade era realizada pela a maioria das pessoas que viviam no garimpo, pelo fato de se utilizar somente ferramentas manuais (picaretas, pás) e não exigir vínculo empregatício, trabalho desempenhado tanto por homens quanto por mulheres e ajudava na garantia de subsistência:

Os requeiros, como são chamados os indivíduos que praticam reco, fazem parte de uma camada social inferior dentro da hierarquia que envolve a produção de cassiterita no interior do garimpo, e a outra ponta, representando a camada mais alta, são os grandes produtores formados por ex-empresários de outros setores, donos de maquinário pesado e estrutura para extrair grandes quantidades de minério, mas que por falta de experiência no ramo obtinham baixa eficiência. Entre essas duas esferas teremos os que representam uma posição intermediária: os jigueiros e os pequenos jigueiros que não detinham maquinário pesado apenas tratores de esteira para ajudar abrir a frente de trabalho.

Ivone, uma de nossas colaboradoras, se encaixa dentro dessa posição intermediária da hierarquia, era parte dos jigueiros⁷. Seu marido, ao chegar ao garimpo, trabalhou desmatando, abrindo frente com o dinheiro arrecadado comprou um pedaço de terra.

Ivone vai desempenhar uma importante função no garimpo, responsável por tomar conta de um barranco, inspecionava a produção, tarefa nada simples, visto que ela tinha que conciliar com o trabalho doméstico, o que demandava muito esforço, rompendo com o mito de que a mulher exerce no garimpo um trabalho leve, como alguns estudiosos afirmam. “[...] Contudo, há em algumas catas o predomínio de mulheres nas ocupações consideradas mais leves.” (RODRIGUES, 2007, p.51). A narrativa abaixo de Ivone nos leva a perceber a magnitude do exercício da mulher no garimpo:

Meu marido comprou um pedaço de terra e montou um par de chupadeira... ele trabalhava com trator e eu cuidava desse barranco e fazia comida para os peões que trabalhavam para a gente... não era fácil cuidar sozinha do par de chupadeira tinha que ficar de olho o tempo todo porque era muito perigoso algum dos peões roubarem o minério eu tinha

⁶ Trabalho realizado com ferramentas manuais.

⁷ Donos de unidades de produções móveis, que emprega de 5 a 7 pessoas normalmente prevalecendo o uso do desmonte hidráulico como opção de extração.

que ficar cuidando das panelas e ao mesmo tempo de olho neles... um olho aqui e outro lá (IVONE – 14).

A narrativa de Ivone nos leva a compreender que devemos superar o “mito” de que a mulher desempenha trabalhos subalternos em um garimpo. No capítulo anterior, em que discutimos o desenrolar do garimpo no Brasil, discorremos sobre esse assunto quando ressaltamos que durante o século XIX algumas mulheres arrendavam lavras que era de domínio da Coroa portuguesa realizando um trabalho teoricamente reservado a figura masculina

A ocupação dos espaços de trabalho dentro do garimpo por mulheres era feita muitas vezes de forma velada, porque elas faziam parte de uma hierarquia doméstica masculinizada. Porém, elas vão buscar nas entrelinhas se contrapor a essa hierarquia de forma discreta, reivindicando o seu espaço e exercendo funções que não são reconhecidos como trabalho, mas que contribuíam para a funcionalização do garimpo, como é o caso de nossa colaborada Janice, que além de se responsabilizar pelo serviço doméstico tinha que se dividir entre a balança e a venda de produtos alimentícios.

Eu só ficava no barraco fazendo comida... lavando roupa... a gente vendia também óleo... açúcar... ovos... comprávamos bastante e revendia lá dentro... então.. eu **só cuidava disso... e da balança quando eles viam pesar era eu que cuidava... olhava o peso... porém o pagamento quem fazia era meu sogro ou meu marido... mas eu recolhia o minério....** era um trabalho gostoso... muito bom!...(JANICE-34).

Por meio da Narrativa de Janice encontramos vestígios de uma relação paternalista. Quando ela diz que o pagamento era realizado apenas pelo marido ou sogro que representa a autoridade paterna, as mulheres acabavam silenciadas, executando o trabalho.

Mesmo sabendo que alguns papéis culturalmente reconhecidos como de homens ou de mulheres não sofrerão alteração no interior do garimpo, visto que a mulher continua sendo a responsável pelos serviços domésticos e de prostituição. Todavia não podemos desconsiderar os avanços encontrados, BF deve ser reconhecido como o garimpo que concedeu espaço para que as mulheres pudessem desempenhar funções significativas e foi por meio do trabalho no garimpo que muitas conseguiram adquirir recurso econômico, como relata Salete: “[...] eu achei melhor vir voltar já tinha conseguido comprar uma casa aqui com o dinheiro que eu trabalhei lá [...]” (Salete-16).

Nossas colaboras, como as demais mulheres que viveram em BF, não devem ser esquecidas, elas corajosamente enfrentaram a pesada rotina de trabalho que um garimpo exige, desconstruíram “várias representações estereotipadas acerca do trabalho feminino no garimpo e da invisibilidade social das garimpeiras.” (RODRIGUES, 2007, p.52).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho buscamos ressaltar a relevância da experiência de vida das colaboradoras no universo garimpeiro, mais especificamente o garimpo BF, durante os anos de 1987 a 1991. É por meio da perspectiva dos sujeitos que buscamos compreender as particularidades que envolvem esse lugar.

A construção da pesquisa só foi possível devido ao uso da metodologia da História Oral, fundamentada na concepção de José Carlos Sebe Bom Meihy, que nos possibilitou captar por meio da narrativa a trajetória existencial destas mulheres no garimpo.

Internamente BF construirá uma organização social singular devido as suas particularidades, um exemplo é a presença feminina, ponto relevante de nossa pesquisa. As narrativas das colaboradoras serviram para romper com as representações tradicionais que classificam o garimpo como um ambiente povoado apenas por garimpeiros e prostitutas.

Não buscamos por meio de nossas fontes induzir o leitor a crer que não há disparidade entre gêneros em nossa sociedade, nosso estudo tem por intuito compreender o fenômeno e buscar uma nova perspectiva para o universo garimpeiro, mostrando que a presença feminina ultrapassa os estereótipos de que as mulheres que habitam o garimpo atuam somente como prostitutas.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Berta K. **Amazônia**. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. **Estratégias do Estado e Povoamento Espontâneo na expansão da fronteira agrícola em Rondônia: Interação e Conflito**. In: BECKER, Berta K; MIRANDA, Mariana & MACHADO, Lia O. *Fronteira Amazônica: Questões Sobre a Gestão do Território*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1990.
- _____. **Geopolítica da Amazônia**. Disponível em <http://www.ppg-casa.ufam.edu.br/pdf/Bertha%20Becker_2005.pdf> Acesso em 20 de Fevereiro de 2017.
- FERREIRA, M.M. **Do Reco ao Melechete. Uma leitura geográfica do garimpo do Bom Futuro – Extração de cassiterita, Ariquemes, Rondônia**, Dissertação (Mestrado em Geociências) Universidade de São Paulo, 1996.
- FREITAS, J. L. G. (2006) **Mulheres trabalhadoras no garimpo Rio Madeira – Rondônia. Interfaces de vulnerabilidades ao HIV/AIDS**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente). Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.
- IBGE. **Histórico do Município de Nova Brasilândia D'Oeste**. Disponível em <<http://cod.ibge.gov.br/24X>> Acesso em 05 de Abril de 2017.
- ICHIKAWA, E.Y., SANTOS L.W.D., **Vozes da História: Contribuições da História Oral à Pesquisa Organizacional**. Disponível em <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2003-epa-0186.pdf>> Acesso em 06 de Janeiro de 2017.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo; Companhia das Letras, 1996.
- MEIHY, José Carlos S. Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. **Os Novos Rumos da História Oral: O Caso Brasileiro**. Disponível em <<file:///C:/Users/Particular/Downloads/19041-22572-1-PB.pdf>> Acesso em 08 de Dezembro de 2016.
- MELLO E SOUZA, Laura. **Desclassificados do ouro - a pobreza mineira do século XVIII**. Rio de Janeiro; Graal, 1982.
- PERDIGÃO, F.F.S., BASSÉGIO, L., **Migrantes Amazônicos, Rondônia, a trajetória da ilusão**, São Paulo, Loyola, 1992, 221p.
- PINHEIRO, Zairo Carlos da Silva. **A construção metodológica da tese**. In: *O Imaginário Nas Espacialidades: quilombolas do vale do Guaporé/Rondônia*. 2014. 298 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Setor Ciências da terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**: São Paulo, 1981.
- SANTOS, Bernadette Grossi dos. **O reino da impura sorte: mulheres e homens, garimpeiros em Minas Gerais**. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, PPGAS/UFSC, 2001
- SILVA, Arnaldo. **Garimpo do Araras/RO: depois do eldorado**. (Dissertação de Mestrado) em Geociências. UNESP - Rio Claro/SP, 2002.
- SILVA, Maria Aparecida da. **As migrações e a diversidade cultural em Rolim de Moura a partir das décadas de 1970 e 1980**. 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado em História e Estudos Culturais) Pós Graduação em História e Estudos Culturais. Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2015.
- TEDESCO, Leticia. **No trecho dos garimpos: Mobilidade, gênero e modos de viver na garimpagem de ouro amazônica**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFRGS, Porto Alegre, 2014.

Data de submissão: 07/08/2019

Data de aprovação: 09/09/2019